

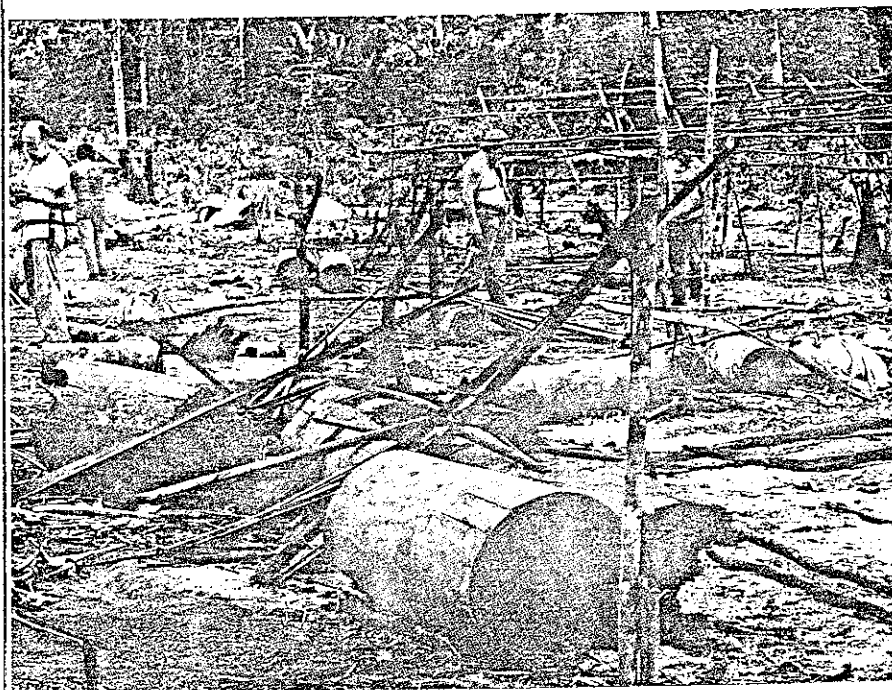
KREEN-AKARORE

VILLAS BOAS AGUARDAM

PACIENTES O DIA DO ENCONTRO

Os índios Kreen-Akarore, que continuam arredios ao contato com os civilizados, a ponto de queimarem suas próprias aldeias e fugirem à aproximação de uma

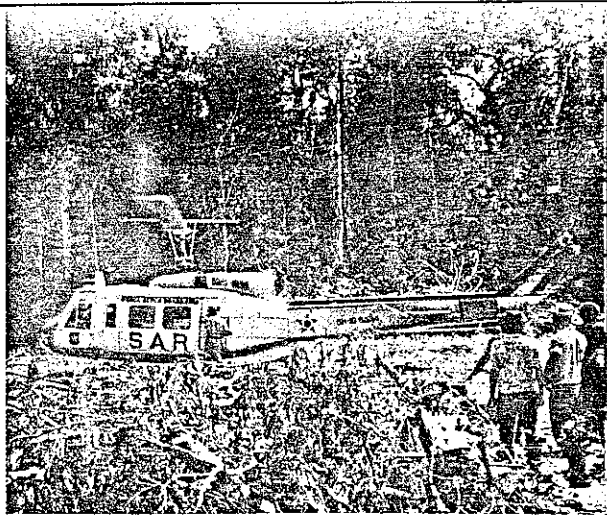
As fotos que ilustram a presente reportagem são de autoria de Pedro Martinelli e foram cedidas pelo jornal O GLOBO.



Os índios queimaram a aldeia maior à aproximação da expedição.

frente de penetração da FUNAI, mostram agora os primeiros sinais de que concordam com a presença dos sertanistas em suas terras, o que para os irmãos Villas Boas representa a proximidade do contato voluntário.

Até o momento, já foram localizadas quatro aldeias Kreen-Akare, todas elas próximas ao entroncamento das Rodovias Cuiabá/Santarém e Xavantina/Cachimbo. As aldeias que haviam



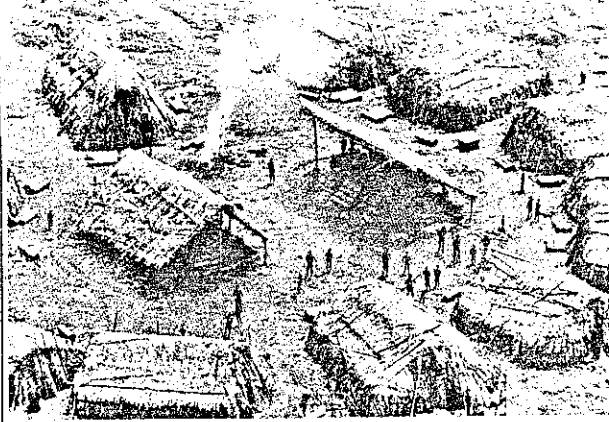
A ajuda da FAB tem sido constante.



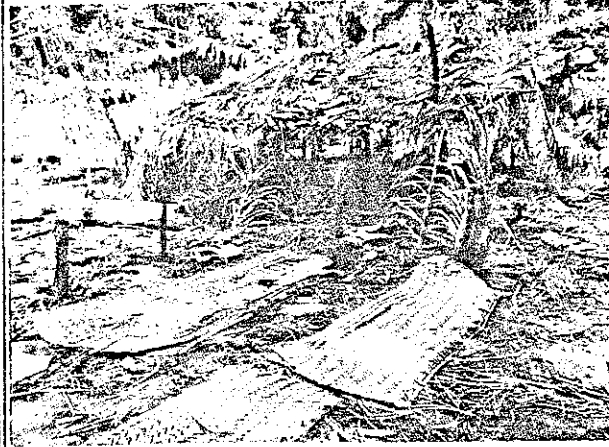
A estratégia dos presentes



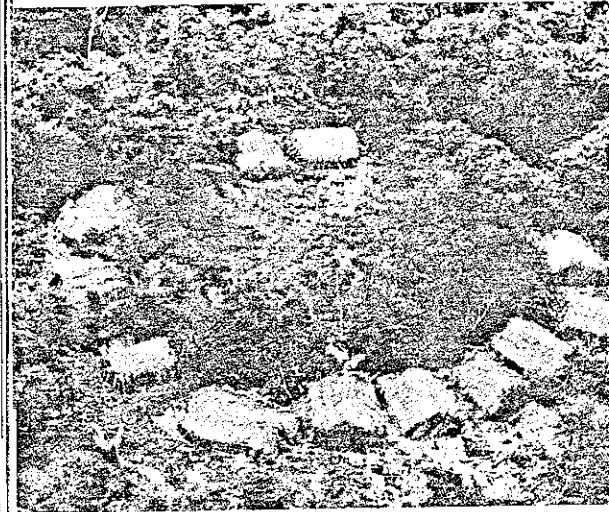
Visita a uma aldeia abandonada.



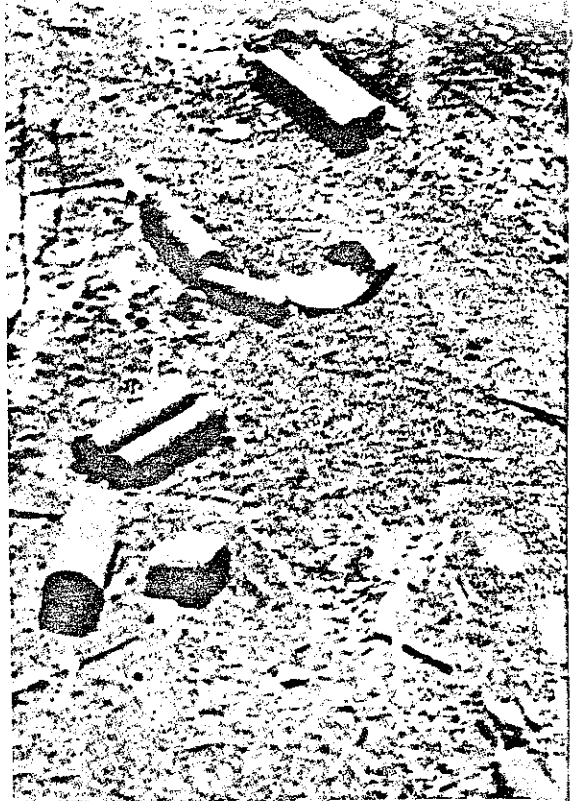
Antiga aldeia



Aldeia abandonada



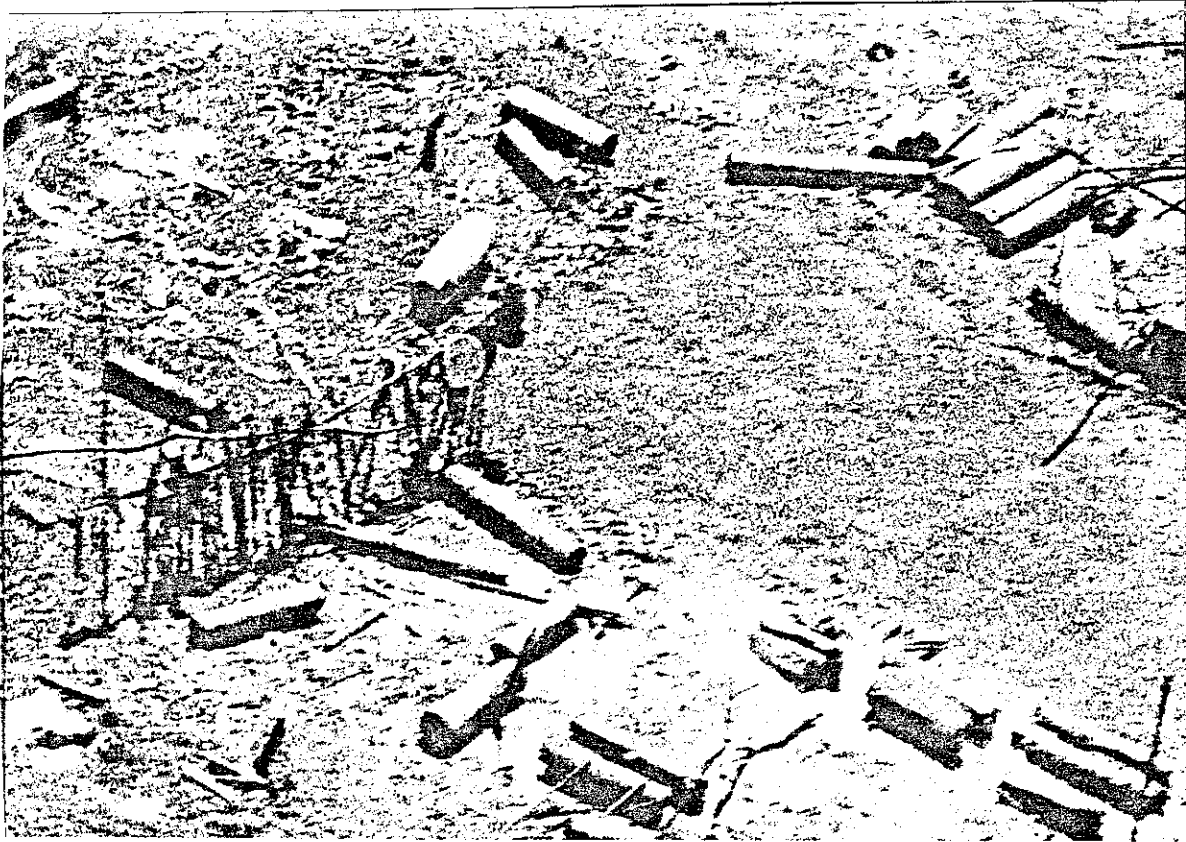
Aldeia reconstruída



vido queimadas anteriormente pelos índios, voltaram a ser habitadas a partir de novembro. Isso, para os irmãos Villas Boas, demonstra que os índios estão confiando na equipe da FUNAI.

ESTIVERAM PERTO

No início de dezembro último — segundo relato feito pelo ser-tanista Orlando Villas Boas ao Presidente da FUNAI — um gru-



Os troncos encontrados nas aldeias ainda são um enigma.

po de Kreen-Akarore chegou a aproximar-se até 10 metros da equipe de atração da FUNAI. Os índios, de alta estatura, eram liderados por um velho, que falou bastante mas não foi entendido por nenhum dos intérpretes da frente de atração, familiarizados com seis dialetos diferentes. Os irmãos Villas Boas acreditam que a língua falada pelos Kreen-Akarore seja um dialeto do grupo Jê, e pretendem, durante os trabalhos de atração, comunicar-se com os índios através de mímicas.

As antigas aldeias que haviam sido incendiadas pela tribo foram restauradas. Uma delas possui 36 roças de forma circular, onde encontram-se plantações de batata-doce e uma espécie de milho pré-cabralino. Orlando Villas Boas acha que os Kreen-Akarore são muito primitivos. Para abastecerem-se de água, utilizam ainda a folha de bananeira. Outra prova de primitivismo da tribo é o uso do machado de pedra. Uma única coisa ainda intriga os sertanistas: os grossos troncos de

árvores encontrados em todas as aldeias Kreen-Akarore, alguns dos quais pesando mais de 300 quilos. Orlando Villas Boas admite que esses troncos podem representar o número de homens que nascem na aldeia, os mais volumosos e pesados representando a hierarquia tribal. Assim, quando nasce um filho do capitão ou do pajé, por exemplo, se do sexo masculino, é trazido um tronco maior, que destaque o novo rebento dos demais membros da tribo.

A TÁTICA

A tática agora usada pelos sertanistas Orlando e Cláudio Villas Boas é a de deixar que os Kreen-Akarore tomem a iniciativa do contato. Assim, somente quando os índios tiverem plena confiança na equipe de atração é que deverá haver a confraternização. No momento, desenvolve-se, sem qualquer incidente, a fase do namoro. O pessoal da FUNAI deixa diversos brindes nos tapiris construídos próximo à trilha dos índios, que recolhem os presentes e deixam objetos do seu artesanato como retribuição.

Nos próximos dias, a equipe da FUNAI vai fazer nova tentativa: colocará próximo à aldeia dos Kreen-Akarore uma canoa com dois remos para que eles — que não sabem construir canoas e não são nadadores — possam atravessar o Rio Peixoto de Azevedo em busca de um contato mais de perto com os sertanistas.



Este rio (Peixoto de Azevedo) desconhecido até 1968, é o caminho que leva aos Kreen-Akarore.

Tendo em vista que o momento de um contato direto com os Kreen-Akarore está cada vez mais próximo, os irmãos Villas Boas levaram um médico até à frente de atração, para examinar todos os membros da equipe e afastar do trabalho os que não estejam em perfeito estado de saúde. Com isto, poderá ser evitado um eventual contágio da tribo por doenças dos civilizados.



Os índios intérpretes que acompanham a expedição, como o da foto, também recebem vacinação preventiva.

Quando o presente número já se encontrava no prelo, os irmãos Villas Boas conseguiram manter o primeiro contato pessoal com os Kreen-Akarore. O encontro com a frente de atração da FUNAI verificou-se às margens do rio Peixoto de Azevedo, exatamente como planejaram os sertanistas.

OS KREEN-AKARORE

Os Kreen-Akarore são índios arredios e só recentemente começaram a aceitar os presentes deixados pelos irmãos Villas Boas. Mas eles são muito exigentes: só aceitaram as facas de aço inoxidável, recusando as que enferrujam. Os baldes de alumínio, deixados cheios de água, amanheceram flechados. Os Kreen-Akarore, ao que parece, preferem carregar água em cascas de bananeiras. Mas os machados deixados pela equipe de atração da FUNAI foram bem aceitos.

Essa tribo, cuja primeira tentativa de atração foi realizada em 1968 e interrompida meses após para ser reiniciada em janeiro de 1971, segundo observação dos irmãos Villas Boas é seminômade, entrando agora na fase do aldeísmo. Os Kreen-Akarore são exímios caçadores e parecem derivar de um grupo macro-Jê.

Para Orlando Villas Boas, o trabalho de conquistar a simpatia dos Kreen-Akarore começou agora a entrar numa fase mais positiva. Três contatos foram efetivados em novembro do ano passado, mas a comunicação não teve êxito porque sua língua, embora do tronco Jê, é totalmente desconhecida. Os índios que integram a equipe de atração da FUNAI naquela frente falam cinco idiomas Jê: Kayabi, Txikão, Juruna, Trumai e Suiá, mas nenhum deles conseguiu ainda qualquer forma de comunicação verbal com os Kreen-Akarore.